

O PROCESSO DE AUXILIARIDADE DO VERBO *CHEGAR*: UM OLHAR FUNCIONALISTA

Ediene PENA-FERREIRA
(Universidade Federal do Pará)

RESUMO: Este trabalho, abrigado no paradigma funcionalista, que concebe padrões gramaticais emergirem do discurso, investiga diferentes usos do verbo *chegar*, com o propósito de observar se esse item, em construções do tipo *chegar a + INF*, está funcionando como verbo auxiliar, passando, portanto, pelo processo de gramaticalização.

PALAVRAS-CHAVE: gramaticalização; auxiliaridade; verbo *chegar*.

ABSTRACT: This work, based on theoretical presuppositions of linguistic functionalism, investigates different uses of the verb *chegar*, with the aim of observe if this verb, in constructions *chegar a + INF*, is in grammaticalization process.

KEYWORDS: grammaticalization; auxiliariary; verb *chegar*.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Subsidiados pela proposta teórica do Funcionalismo Lingüístico de vertente norte-americana, que prioriza o estudo da língua em situação comunicativa e descreve os fenômenos lingüísticos conjugando componentes sintáticos, semânticos e pragmáticos, investigamos, neste trabalho, construções com o verbo *chegar*, sob a perspectiva do processo de mudança chamado *Gramaticalização*, com o propósito de observar a manifestação do processo de auxiliaridade deste verbo.

Em linhas gerais, consideramos gramaticalização o processo de mudança linguística pelo qual itens e construções lexicais tornam-se gramaticais, ou itens e construções já gramaticais tornam-se ainda mais gramaticais. Utilizamos como *corpora* amostras de textos do *Corpus Mínimo de Textos Escritos da Língua Portuguesa – COMTELPO*, organizado por Figueiredo-Gomes e Pena-Ferreira (2006). Da coletânea, que possui textos de diferentes gêneros do século XII ao século XX, selecionamos um total de 2.000 páginas, a partir das quais atingimos uma soma de 795 (setecentas e noventa e cinco) ocorrências de *chegar*, 117 dessas ocorrências são da construção *chegar a + INF*, nosso objeto de investigação neste artigo.

Para atendermos aos nossos objetivos, organizamos o texto em seções. Na primeira, expomos, de forma panorâmica, alguns aspectos de auxiliaridade, seus conceitos e critérios. Na seção seguinte, fazemos a análise dos usos de *chegar*, na construção *chegar a + INF*, por meio da aplicação de testes de auxiliaridade. Os resultados aqui apresentados e discutidos permitem-nos algumas conclusões, sugerindo que o verbo *chegar* apresenta o estatuto de auxiliar.

2 SOBRE AUXILIARIDADE

Embora a noção de auxiliaridade seja familiar nas línguas ocidentais, não podemos dizer que há consenso na literatura linguística quando se tenta conceituar tal fenômeno e definir suas características. Entendemos que a auxiliaridade é o resultado de um processo de mudança linguística chamado gramaticalização. É por meio desse processo que encontramos a origem de verbos auxiliares, uma vez que estes são resultados de mudanças pelas quais passaram verbos plenos. Os verbos plenos, também chamados *lexicais* e *conceituais*, portanto, derivam os verbos auxiliares, que sustentam verbos principais nominalizados e expressam categorias gramaticais, como tempo, aspecto, voz, modo.

Para a realização deste estudo, pautamo-nos em trabalhos de Pontes (1973), Lobato (1975), Heine (1993), Gonçalves (1995), Neves (2000), Gonçalves e Costa (2002), Longo e Campos (2002), e Travaglia (2003), que nos ajudaram a sistematizar os critérios de auxiliaridade que usaremos na análise de *chegar a + INF*, para testar se o verbo *chegar* está em processo de auxiliarização e, se estiver, como esse processo se manifesta.

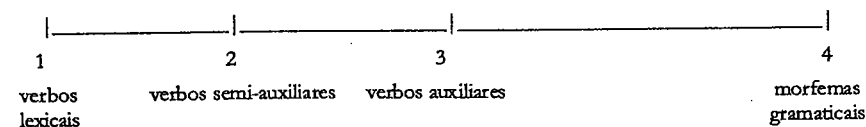
É importante ressaltar que estamos considerando verbo uma categoria de natureza escalar. Essa natureza permite que verbos lexicais, devido a seus diferentes usos motivados por fatores de ordens cognitivas e comunicativas, possam vir a sofrer uma série de transformações, que os fariam mudar de categoria e atingir o ponto final da escala, migrando de item lexical para item gramatical. Nesse processo, o verbo pode seguir uma das cadeias apresentadas abaixo:

- a) Verbo pleno > construção predicativa > forma perifrástica > aglutinação (cadeia proposta por Roberts, 1993 *apud* Castilho, 1997, p. 29);
- b) Verbo pleno > verbo funcional > verbo auxiliar > clítico > afixo (cadeia proposta por Castilho, 1997, p.35)

Nessas cadeias, observamos a mudança gradual que pode ocorrer com os verbos. Sempre à esquerda da cadeia, os verbos plenos sofreriam mudanças de função e de categoria até alcançarem o último estágio.

Considerando essas cadeias, e para melhor explicar a natureza gradiente da categoria verbo, propomos a figura 1, a seguir.

Figura 1 - Natureza Escalar da Categoria Verbo



Na figura 1, interessam-nos apenas quatro pontos, marcados pela numeração. Marcamos o início da escala com o número 1, ponto onde encontramos os verbos lexicais; e o fim da escala, com o número 4, ponto onde se encontram os itens mais gramaticais. Em um ponto intermediário, no ponto 3, estão os verbos auxiliares. Esses verbos encontram-se no meio da escala, não por acaso, mas por apresentarem características tanto gramaticais quanto lexicais, não chegam a ser morfemas gramaticais, mas já não são verbos plenos. A 1ª metade da escala também é dividida ao meio. Entre os verbos lexicais e os verbos auxiliares, encontramos os verbos semi-auxiliares ou quase-auxiliares, caracterizados também por sua natureza “anfíbia” (Heine, 1993), ou seja, apresentam características tanto dos verbos lexicais, quanto dos verbos auxiliares.

Devemos esclarecer que muitos outros pontos poderiam ter sido colocados nessa escala para marcar muitos outros estágios que ocorrem no processo de gramaticalização de um verbo. Optamos por destacar apenas quatro pontos porque nosso interesse aqui é investigar a auxiliaridade do verbo *chegar*, interessando-nos, portanto, somente as mudanças que conduzem a essa mudança de estatuto (de verbo lexical a auxiliar).

O fato de apresentarmos essa escala não significa que todos os verbos sejam candidatos à gramaticalização, ou seja, que todos os verbos passem por essas mudanças, que migrem nessa escala, nem significa que o verbo que começa a mudança chega até o último estágio aqui proposto.

Para observarmos como se manifesta a auxiliaridade do verbo *chegar*, selecionamos, considerando as leituras feitas, alguns critérios de identificação de verbos auxiliares. Dividimos os critérios de acordo com as propriedades semânticas e sintáticas que percebemos existir nos verbos auxiliares, assim temos:

§ **Crítérios Semânticos:** Perda sêmica; Detematização; Coesão semântica

§ **Crítérios Sintáticos:** Impossibilidade de inserção de um argumento nominal entre auxiliar e verbo principal; Impossibilidade

de negação frásica do domínio finito; Correferencialidade de sujeito; Impossibilidade de substituição do infinitivo pelos pronomes *isso* ou *tanto*; Impossibilidade de ocorrência de complemento oracional finito; Correspondência semântica entre ativa e passiva; Integridade sintática; Recursividade.

Apresentados os critérios, passemos à análise de nosso objeto.

3 ANÁLISE DOS USOS DE *CHEGAR*

Análises preliminares sugerem que o verbo *chegar* está em processo de gramaticalização, e que o seu comportamento na construção *chegar a + INF*, o qualifica como verbo auxiliar. Para sabermos em que medida *chegar* comporta-se como verbo auxiliar, é necessário observarmos a manifestação do processo de auxiliaridade do verbo. Com esse propósito, e levando em conta o contexto em que a construção se apresenta, aplicamos, considerando os critérios de identificação de verbos auxiliares selecionados para este fim, alguns testes de auxiliaridade, como: existência de material entre chegar e o verbo no infinitivo, tipo de material entre chegar e verbo no infinitivo, ocorrência de negação com escopo só no infinitivo, possibilidade de ocorrência de completiva oracional finita, correferencialidade de sujeito, possibilidade de substituição do infinitivo por pronome “isso” ou “tanto”, a correspondência semântica entre ativa e passiva, integridade sintática e recursividade.

Analisando nossos *corpora*, e aplicando o primeiro teste de auxiliaridade, observamos que, das 117 ocorrências da construção *chegar a + INF* registradas no COMTELPO, em apenas 17 delas, ou seja, 15%, verificamos a intercalação de material entre *chegar* e o verbo no infinitivo, como atesta a tabela 1.

Tabela 1 - Teste de auxiliaridade de *chegar* – Existência de material entre *chegar* e verbo no infinitivo.

Séculos	XIII	XIV	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	TOTAL
Existência de material									
Com material	0	0	0	0	1	1	8	7	17
					20%	12,5%	20%	11%	15%
Sem material	0	0	1	2	4	7	32	54	100
			100%	100%	80%	87,5%	80%	89%	85%
TOTAL	0	0	1	2	5	8	40	61	117
			100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Nossos dados revelaram um alto grau de integração entre *chegar* e o verbo no infinitivo, pois 85% das ocorrências não apresentam nenhuma material entre os verbos da construção, conforme mostra leitura da tabela 1. Um exemplo é a ocorrência (1).

(1) P. ___ *Apesar de tudo, muito e do mais representativo havia sido publicado em vida do poeta. Teve a intuição da sua genialidade, ou foi só depois de descoberto o tesouro da célebre arca?*

R. ___ Sabíamos que era um poeta, mas, naquela altura, imaginá-lo na extensão de sua grandeza era impossível. Aliás, nunca pensámos que tal obra **chegasse a ser publicada**. O Fernando andava sempre a adiar e quando lhe falávamos nisso, oferecendo até a nossa ajuda, invariavelmente dizia que estava a organizá-la. E realmente estava. Tenho porem a certeza de que por mais tempo que ele vivesse, acharia sempre que não era a altura. (AT)

Considerando as 17 ocorrências em que atestamos a presença de elemento(s) entre *chegar* e verbo no infinitivo, pesquisamos o tipo de material encontrado e, conforme a tabela 2, verificamos a intercalação de advérbio em 47% dos casos, como em (2), e de construções (frase, oração, sintagmas etc.) em 47%, como em (3). O adjetivo foi verificado em apenas uma ocorrência (4).

Tabela 2 - Teste de auxiliaridade de *chegar* – Tipo de material existente entre *chegar* e verbo no infinitivo.

Séculos	XIII	XIV	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	TOTAL
Tipo de material									
Advérbio	0	0	0	0	1	1	2	4	8
					100%	100%	25%	57%	47%
Conjunção	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Adjetivo	0	0	0	0	0	0	0	1	1
								14%	6%
Construções	0	0	0	0	0	0	6	2	8
							75%	29%	47%
TOTAL	0	0	0	0	1	1	8	7	17
					100%	100%	100%	100%	100%

(2) Tu, senhora, tu, me deste o valor que me faltava para **chegar dignamente** a ser de ti conhecido, que só em ti podia achar-se; e esta liberdade, do muito que tu eras, não era eu poderoso para diminuirte, nem recebendo o grande ser que me deste; porque elle em ti foy tão grande, que nem quando me enriquecias de mercimentos, ficaste delles menos rica. (FN)

(3) O homem deve fazer o firme propósito de não faltar á verdade, para que não se deixe avassallar pelo tristissimo habito de a abandonar. N'este ponto não deve fazer uma excepção, para que não possa fazer duas e para que não possa fazê-las infinitas. É pelas concessões d'esta ordem, que, de grau em grau, o homem **chega, em prejuízo da verdade, a similar, a exaggerar e até a calumniar.** (DA)

(4) Graça – Tu foste o único culpado de não termos casado. Se com clareza me tivesse confessado que me querias para tua mulher, nunca teria consentido na combinação do meu casamento. Mas não me dizias nada de definitivo... Via meus pais cada mais arruinados, a pobreza sentia-se já em tudo! Minha mãe **chegou, coitada, a fingir-se** doente, para não ir a festas onde se gastassel Depara-se-me um casamento rico, um meio de ajudar, que querias que eu fizesse?! (AE)

A presença de advérbio (*dignamente* em 2), da construção (*em prejuízo da verdade* em 3) e do adjetivo (*coitada* em 4) entre o verbo

chegar e os no infinitivo evidencia a possibilidade de inserção de material entre esses verbos, o que demonstra não haver, ainda, um forte vínculo entre eles, embora percebamos que a frequência de construções em que o material se apresenta é bem menor.

Considerar a existência de uma perífrase verbal é considerar a existência de um grupo tão coeso que pode ser analisado como uma unidade de comportamento sintático-semântico. Dessa forma, qualquer elemento adverbial colocado na construção deve incidir sobre todo o grupo. A presença de uma expressão negativa não deve separar os elementos da seqüência em auxiliação e o escopo da negação deve recair sobre a perífrase como um todo, não apenas sobre o segundo verbo da seqüência; se isto ocorrer, há um forte indício de que os dois verbos, podendo ser negados separadamente, não formam uma seqüência integrada, coesa.

Conforme a tabela 3 demonstra, não encontramos nenhuma ocorrência que tenha apresentado expressão negativa incidindo apenas no domínio finito nas 117 ocorrências com a construção *chegar a + INF* nos *corpora* escritos.

Tabela 3 - Teste de auxiliaridade de *chegar* – Ocorrência de negação só no infinitivo

Séculos	XIII	XIV	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	TOTAL
Ocorrência de negação									
Com negação	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Sem negação	0	0	1	2	5	8	40	61	117
			100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
TOTAL	0	0	1	2	5	8	40	61	117
			100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Sabemos que os candidatos a verbo auxiliar exibem uma característica importante: seu complemento é sempre expresso por uma forma nominal, não admitindo mais uma oração completiva. Os verbos auxiliares, assim, não subcategorizam domínios fráscicos,

não sendo possível o desdobramento da forma infinitiva em uma oração com verbo finito.

Utilizando a ocorrência (5), na qual o verbo *chegar* se combina como o verbo *comentar* no infinitivo, podemos comprovar não ser possível o desdobramento da oração finita em outra desenvolvida.

(5) Alceu Amoroso Lima *chegou a comentar* comigo a perfeição desse comentário difícil, que Manuel Bandeira soube tornar fácil, agradável, atraente, gracioso. Tinha mesmo o dom de tornar leves as coisas mais pesadas. Por que sabia abandonar o supérfluo, o ornamental, e ir direto ao semial, ao íntimo de tudo. (CP)

(5a) * Alceu Amoroso Lima *chegou a [que comentou]* comigo a perfeição desse comentário difícil, que Manuel Bandeira soube tornar fácil, agradável, atraente, gracioso.

A agramaticalidade de (5a) é explicada pelo uso de uma oração desenvolvida que não cabe no contexto, por haver um forte vínculo entre os verbos que formam a perífrase. A exemplo dos outros critérios, este também evidencia que, na construção *chegar a + INF*, *chegar* apresenta um comportamento de verbo auxiliar.

Nos *corpora* analisados, não encontramos nenhum registro de construção com o verbo *chegar*, em que seja possível a ocorrência de completiva oracional finita.

Sendo a perífrase um complexo único, coeso semântica e sintaticamente, os dois verbos que a constituem devem ter sujeitos correferenciais. A identidade de sujeito é um dos critérios importantes para testarmos o grau de auxiliaridade do *chegar* na construção *chegar a + INF* e da própria construção.

Em relação ao teste *correferencialidade de sujeito*, as ocorrências encontradas nos *corpora* mostram que, na construção *chegar a + INF*, o sujeito é o mesmo para os dois verbos, não sendo possível a existência de um sujeito diferente sem causar prejuízo à interpretação do enunciado. É o que observamos em (6).

(6) Tal acontece com Moisés no Monte Sinai, e, verdadeiramente, a sua carreira no mundo é aí suspensa. Cessa o combate interior pela fé, cessam as pequenas diferenças emotivas entre liberdade problemática e liberdade depositária do Espírito. Moisés não **chega a transpor** as fronteiras do país de Canaan, e morre solitário no cimo do Monte Nebo, donde ele pode ver a região da terra prometida. (AM)

Fica claro que *Moisés* é o sujeito tanto de *chegar* quanto de *transpor*, não havendo possibilidade de introduzirmos um outro sujeito para o verbo *transpor*, sem que a construção se torne agramatical.

(6a) * Moisés **chega a** [Josué] **transpor** as fronteiras do país de Canaan, e morre solitário no cimo...

Pelo teste da correferencialidade de sujeito, podemos atribuir o caráter auxiliar ao verbo *chegar*, pois, conforme o exemplo (6a) ilustra, não há possibilidade da existência de sujeitos diferentes aos verbos que formam a construção. A correferencialidade entre sujeitos sugere a impossibilidade de desdobramento em dois núcleos oracionais, o que evidencia um alto nível de integração entre *chegar* e o verbo no infinitivo *transpor*. Considerando os parâmetros de Lehmann (1988) na escala de gramaticalização entre orações, podemos dizer que *chegar* e o verbo no infinitivo estão entrelaçados, a ponto de, semanticamente, compartilharem os mesmos traços de significado e, sintaticamente, de não poderem ser separados.

Um outro teste foi aplicado para verificar a possibilidade de substituição do infinitivo pelos pronomes *isso* ou *tanto*. Verbos auxiliares, como vimos repetindo, formam um grupo coeso com o verbo em forma nominal, não podendo este ser substituído por um desses pronomes. Para melhor ilustrar o que dizemos, chamo à luz o verbo *ter*, prototipicamente considerado auxiliar, em construções como (7):

(7) Ele **tinha** prometido não mais tocar neste assunto. (GT)

Se substituirmos o item *prometido* pelos pronomes *isso* ou *tanto*, verificamos que o resultado é uma construção agramatical, como exemplificado em (7a):

(7a) *Ele **tinha** isso/tanto não mais tocar neste assunto. (GT)

Esse resultado sugere que, em construções com verbos auxiliares, os pronomes *isso* ou *tanto* não podem substituir o verbo na forma nominal, porque o domínio que inclui a forma não finita não é de natureza frásica, sendo impossível substituí-lo por pronomes. No caso da ocorrência (7a), a impossibilidade de substituição pelos pronomes ocorreu, porque *isso* e *tanto* não são compatíveis com as propriedades de subcategorização do verbo *ter*.

Em todas as ocorrências com *chegar a* + *INF*, observamos a possibilidade de substituição do verbo no infinitivo, com seu complemento, por pronomes *isso* ou *tanto*, tal como exemplificado em (8):

(8) Os mortos têm uma paz que **chega a ser** inveja dos vivos!
(AT)
(8a) Os mortos têm uma paz que **chega a isso!**

Por esse critério, *chegar* seria excluído da classe de auxiliares.

Outro teste de auxiliaridade aplicado foi o da correspondência semântica entre ativa e passiva. Em caso de verbo transitivo, o significado da oração na voz passiva corresponde ao significado na voz ativa. Em perífrases, os dois verbos são vistos como um único núcleo oracional, portanto, a transformação na voz passiva não deve alterar o significado básico que a oração possui ao se apresentar na ativa. Ressalvados os casos em que o próprio verbo principal não admita voz passiva. Caso ocorra alguma alteração, os dois verbos não podem ser considerados como pertencentes ao mesmo domínio frásico. Havendo, portanto, dois núcleos verbais, não há auxiliaridade. Vamos à análise.

(9) Todo grande artista não usa a arte apenas como veículo de suas idéias, vá lá, humanistas, e suas idéias estéticas. Assim um poema é muito mais que um libelo ou um discurso. É uma alquimia onde a posição do homem se identifica com a posição do artista, a tal ponto que, em João Cabral, sua poesia **chega a usar** as vestes da pobreza, no caso da objetividade com que trata seus assuntos-poemas. (CF)

Em (9), encontramos a ocorrência de uma construção na voz ativa: *sua poesia chega a usar as vestes da pobreza*. Se transformarmos essa construção na voz passiva, teremos: *as vestes da pobreza chegam a ser usadas pela sua poesia*. Como verificamos, o significado básico se mantém. Passiva e ativa apresentam correspondência semântica. Isso significa que *chegar* e *usar* pertencem ao mesmo domínio frásico, formam um complexo verbal único, em que *chegar* é o verbo auxiliar e *usar*, o verbo lexical.

A título de exemplificação, apresentamos um caso em que os verbos em seqüência não podem ser considerados como pertencentes ao mesmo domínio, visto que não há correspondência semântica entre suas construções ativa e passiva.

(10) a. As crianças querem comer os ovos de chocolate.

b. *Os ovos de chocolate querem ser comidos pelas crianças.

Fica claro que o sentido da passiva não corresponde ao sentido da ativa. A diferença entre (9) e (10) é que *chegar* perdeu a propriedade de selecionar os seus argumentos, ficando a seleção a critério do verbo principal, em (9) o verbo *usar*. Além disso, os dois verbos apresentam um forte vínculo sintático e semântico, apresentando alto grau de integridade. Ao contrário, o verbo *querer* ainda mantém a restrição argumental, pois não parece ser compatível com sujeitos não-animados, e não possui forte aderência ao verbo seguinte.

Como sabemos, a integridade entre os verbos que formam a perífrase é um critério importante para medirmos o grau de gramaticalidade de um verbo e da construção. Para testarmos a integridade sintática da construção *chegar a + INF*, vamos propor o uso do advérbio *aqui* entre os dois verbos, considerando que o segundo argumento de *chegar* lexical apresenta o traço [+Locativo]. Se for possível resgatarmos, na construção em análise, a idéia de local, relativa ao verbo *chegar*, como complemento dele, sem alterarmos o sentido original da sentença, a integridade sintática é baixa, e o verbo *chegar* pode estar exercendo, ainda, uma função lexical, pois uma fraca integridade pode indiciar que os verbos representam duas orações; caso contrário, se a construção não admitir um elemento com noção locativa, os verbos apresentam forte coesão sintática, e *chegar* assume função gramatical. Vejamos a ocorrência (11).

(11). No verão, quando se enfolha, visto de longe, até nem parece tão velho. “A gente **chega a sentir** inveja dele.” “E quem não inveja o que remoça, seu Ataliba?” — retrucou dom Alberto(...)(CE)

Não nos parece que, em (11), seja possível introduzir o advérbio *aqui*, sem que se altere o significado do enunciado. O falante, em nossa interpretação, quis utilizar a construção *chega a sentir* como uma forma única. O verbo *chegar* foi usado para dar realce, ênfase à noção de limite que constitui o processo expresso pelo verbo *sentir*, e não aceita o resgate à idéia de deslocamento para um Locativo direcional. O uso de *chegar* em (12) não corresponde ao uso de (11).

(12) (...) “A gente **chega aqui e sente** inveja dele”.

O último critério aplicado foi o da recursividade. Se uma construção perifrástica for constituída por verbos idênticos, significa

que o falante não os percebe mais como verbos sinônimos. Este é o mais alto grau de gramaticalização, pois já não há mais dúvidas de que o primeiro verbo é auxiliar e de que todas as informações lexicais encontram-se no verbo seguinte.

Nas amostras de *chegar* extraídas do COMTELPO, não registramos nenhuma ocorrência que ilustrasse caso de recursividade. Esse resultado já era esperado, pois esse é um *corpus* de textos escritos, e o uso recursivo (*chegar a chegar*) é condenado pelas normas gramaticais.

No *corpus* oral que apóia esta pesquisa, também não foi registrada nenhuma ocorrência, mas Pena-Ferreira (207) registra um caso de recursividade de *chegar* em uma narrativa oral do português brasileiro contemporâneo:

(13) [...] ele ficou tão... atarantado... que **chegou a chegar** atrasado... no primeiro dia de trabalho

Esse exemplo mostra que o falante não considera os dois verbos sinônimos, por isso utiliza os verbos em seqüência, evidenciando o comportamento auxiliar do item *chegar*. Observamos que, em (13), *chegar* exerce a função de marcador de conseqüência, pois marca um Estado de Coisas (*chegar atrasado*) que resulta de um anterior (*ele ficou atarantado*), considerado causa.

Como pudemos observar, a maioria dos critérios utilizados aponta o uso de *chegar* como auxiliar. Se considerarmos apenas os critérios semânticos, como a *perda sêmica* e a *detematização*, podemos dizer que *chegar* integra a classe de auxiliares, pois apresenta todas as características dessa classe. Pelos critérios sintáticos, o verbo em análise não integra completamente a classe de auxiliares, pois o comportamento de *chegar* não obedeceu a todos os critérios. Os critérios *impossibilidade de inserção de material entre auxiliar e verbo principal*, *impossibilidade de negação frásica do domínio finito*, *impossibilidade de substituição do infinitivo por "isso" ou "tanto"* distanciam o verbo *chegar* do elenco dos verbos auxiliares prototípicos.

Como consideramos verbo uma categoria escalar, gradiente, acreditamos que existam graus de auxiliaridade. Para testarmos o grau de auxiliaridade de *chegar a*, propusemos um ponto para cada critério. A soma dos critérios, 11 no total, indicará se o grau de auxiliaridade é baixo, médio ou alto. Abaixo de 5, o grau é baixo; igual a 5, o grau é médio; e acima de 5, consideramos alto grau de auxiliaridade. O quadro 10, a seguir, indica o grau de auxiliaridade do verbo *chegar*.

Quadro 1 - Grau de auxiliaridade do verbo *chegar*

CRITÉRIOS DE AUXILIARIDADE	VERBO CHEGAR
Perda Sêmica	1
Detematização	1
Coesão Semântica	1
Impossibilidade de inserção de material entre auxiliar e verbo principal	00
Impossibilidade de negação frásica do domínio finito	00
Correferencialidade de sujeito	1
Impossibilidade de substituição do infinitivo pelos pronomes <i>isso</i> ou <i>tanto</i>	00
Impossibilidade de ocorrência de complemento oracional finito	1
Correspondência semântica entre passiva e ativa	1
Integridade Sintática	1
Recursividade	1
TOTAL	8

A leitura do quadro 1 nos permite considerar alto o grau de auxiliaridade do verbo *chegar*, pois a soma dos critérios obedecidos é igual a 8. Os critérios sintáticos não verificados impedem a atribuição do estatuto de auxiliar prototípico ao verbo *chegar*, mas não o excluem dessa classe. Mas não resta dúvidas de que *chegar* apresenta, como o teste de auxiliaridade mostrou, um comportamento de item gramatical.

É interessante observarmos que os usos de *chegar a* + *INF* repercutem primeiro nas propriedades semânticas (veículo de mudanças) e só depois atingem a codificação sintática, que é mais interna à gramática, mais padronizada.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Discutimos, neste artigo, o estatuto de auxiliaridade de *chegar*, com o objetivo de, com a análise das ocorrências dos *corpora*, verificar se o verbo *chegar* pode ser incluído na classe de auxiliares da língua portuguesa. Avaliados os testes de auxiliaridade, concluímos que *chegar* apresenta características de *verbo auxiliar*.

Para testarmos o grau de auxiliaridade e de gramaticalização de *chegar*, avaliamos os seguintes critérios de auxiliaridade: *perda sêmica, detematização, coesão semântica, impossibilidade de inserção de material entre auxiliar e verbo principal, impossibilidade de negação frásica do domínio finito, correferencialidade de sujeito, impossibilidade de substituição do infinitivo pelos pronomes "isso" ou "tanto", impossibilidade de ocorrência de complemento oracional finito, correspondência semântica entre passiva e ativa, integridade sintática e recursividade*.

Os resultados atinentes ao critério *impossibilidade de inserção de material entre auxiliar e verbo principal* mostraram que, na perífrase *chegar a + INF*, é possível a existência de material interveniente, mas apenas 15% das ocorrências caracterizaram-se pela presença de material entre *chegar* e o verbo no infinitivo.

Em relação à ocorrência da negação só do infinitivo, notamos que, nos *corpora* escritos, a negação, quando ocorre, incide sobre toda a perífrase e não apenas sobre um elemento.

Avaliados os critérios da *impossibilidade de ocorrência de complemento oracional finito* e da *correferencialidade de sujeito*, notamos que *chegar* comporta-se como verbo auxiliar, pois não há ocorrência em que seja possível, gramaticalmente, nem o desdobramento da oração finita em desenvolvida, nem a existência de sujeitos não correferenciais.

Já o critério *impossibilidade de substituição do infinitivo pelos pronomes "isso" ou "tanto"* revela que *chegar* apresenta um comportamento diferente dos auxiliares prototípicos, que não admitem a substituição da forma nominal pelos pronomes *isso* e *tanto*. Nas ocorrências com *chegar a + INF*, entretanto, o verbo no infinitivo é facilmente

substituído por esses pronomes, o que indica que, por esse critério, *chegar* é excluído da classe dos auxiliares.

Por outro lado, os critérios como *perda sêmica, detematização, coesão semântica, integridade sintática e recursividade* qualificam *chegar* como auxiliar. Por considerarmos verbo uma categoria escalar, e por concluirmos, depois de avaliados os critérios de identificação de auxiliares, que *chegar* obedece a 8 (oito) dos 11 (onze) critérios de auxiliaridade.

REFERÊNCIAS

- CASTILHO, A. A gramaticalização. *Revista de estudos lingüísticos e literários*. Salvador: UFBA, p. 25-64. 1997.
- FIGUEIREDO-GOMES, J.B.; PENA-FERREIRA, E. (orgs.) *Corpus mínimo de textos escritos em língua portuguesa*. Lisboa, 206. (no prelo)
- GONÇALVES, A. Aspectos da sintaxe dos verbos auxiliares do português europeu. In: GONÇALVES, A. *et al. Quatro estudos em sintaxe do português*. Lisboa: Edições Colibri, 1995, p.7-50.
- GONÇALVES, A.; COSTA, T. Compreender os verbos auxiliares: descrição e implicações para o ensino do português como língua materna. Lisboa: Edições Colibri. v. 3. *Cadernos de Língua Portuguesa*, 202. v.3.
- HEINE, B. *Auxiliaries: cognitive forces and grammaticalization*. Oxford University Press: New York, 1993.
- LEHMANN, C. Towards a typology of clause linkage. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam/ Philadelphia: J. B. Publishing Company, 1988: p.181-225.
- LOBATO, L. Os verbos auxiliares em português contemporâneo. In: LOBATO, L. *et al.*(orgs.). *Análises lingüísticas*. Petrópolis: Vozes, 1975.
- LONGO B. O.; CAMPOS, O. S. A auxiliaridade: perífrases de tempo e de aspecto no português falado. In: ABAURRE M. B.;

RODRIGUES, A. C.S.(orgs.) *Gramática do português falado*. v. 8: novos estudos descritivos. Campinas, SP: Unicamp, 202. v.8.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2000.

PENA-FERREIRA, E. A auxiliarização de *chegar*. In: NOGUEIRA, M. T. (org.) *Estudos lingüísticos de orientação funcionalista*. Fortaleza: Edições UFC/GEF, 207, p. 532-542.

PONTES, E. *Verbos auxiliares em português*. Petrópolis: Vozes, 1973

TRAVAGLIA, L.C. A gramaticalização de verbos. In: HENRIQUES, C.C. (org.). *Linguagem, conhecimento e aplicação: estudos de língua e lingüística*. Rio de Janeiro: Europa, 203. p. 36-321.